

## Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

Leonel Vicente Mendes \*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0003-2033-8095>

Deuinalom Fernando Cambanco \*\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-0431-6470>

Felisberto Júnior Pedro Bacurim \*\*\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-2503-8377>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar os debates decoloniais e afrocentrados promovidos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), fundada em 2010; perspectivada, assim como outras instituições universitárias, para a produção e disseminação do conhecimento, porém, tendo a África e outros lugares e povos historicamente subjugados, suas diásporas antirracista e anticolonial no epicentro do debate acadêmico. A UNILAB, além de apresentar uma proposta diferenciada e ousada com vista a superação da colonialidade do saber, do poder e de ser<sup>1</sup>, também se destaca em alguns elementos fundamentais que são as bases da sua construção entre as quais: a democratização do acesso ao saber popular, a internacionalização e a integração intercontinental, considerando heranças históricas em comum entre o Brasil e os países africanos da língua oficial portuguesa (PALOP's) e o Timor Leste na Ásia. Para a realização deste trabalho elegeu-se a análise documental e a pesquisa bibliográfica como principais procedimentos metodológicos para produção de dados.

**Palavras-chave:** Unilab; Palop; Decolonial; Afrocentrada.

---

\* Mestrando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciado em pedagogia e bacharel em humanidades Interdisciplinar pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- UNILAB Campus dos Malês. Pós-graduado em gestão pública (UNILAB). Graduado em língua Inglesa pela Escola Normal Superior Tchico Té (ENSTT) Guiné-Bissau. Autor de livros (Des)caminhos do sistema de ensino guineense: Avanços, recuos e perspectivas, CRV (2019). A escolarização e a formação de quadros nas regiões libertadas da Guiné-Bissau: uma perspectiva histórica (1963 -1973), Brazil Publishing, (2021). E-mail: leonelmendes2014@gmail.com

\*\* Mestre e doutorando em relações internacionais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Humanidades Interdisciplinar, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- UNILAB Campus dos Malês. E-mail: cambancoduiner10@gmail.com

\*\*\* Bacharelado em Ciências humanas e licenciando em Ciências Sociais pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB Campus dos Malês. E-mail: felisbertobacurim@gmail.com

<sup>1</sup> As três dimensões da colonialidade relacionam-se com a disseminação do poder colonial em diversos âmbitos da vida. A colonialidade do ser pode ser compreendida como a colonização do pensamento do indivíduo, para isso o uso da linguagem torna-se instrumento indispensável. A colonialidade do poder refere-se à distinção racial que, de acordo com Aníbal Quijano, define-se como o primeiro marcador de distinção entre dominadores e dominados. A colonialidade do saber, refere-se ao investimento contra os conhecimentos produzidos por povos não-brancos e consequente afirmação da ciência como saber hegemônico.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

### **Universidadi di Integrason Internasional di Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB: um universidadi decolonial i afrocentrada**

**Rusumu** és tarbadju fasi avaliason di discutisons kuna djubi djitu di liberta i fassi nobu manera di pruduzi cunhicimentu ku kana parci k d eropa, i discuti manera di no bata da balur tudu kil ku di nos k manga di bias Universidadi di Integrason Internasional di Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) ta papia del i nsina si djintis. És universidade fassidu na anu 2010, ku manera di fassi cunhicimentu kuna tissi i da balur manera di vivi na África i di púbis di utru lado di mundu ku sploradus pa colons. UNILAB fora di kuma ina mostra utru manera di pensa, cunhicimentu kuka parci ku di colons i busca caba ku kusas ku cata balura no cunhicimento, no puder i ku no manera di sedu, tambi i misti fassi pa púbis sploradu cunsi cunhicimentu, ita tarbadja ku terras di utrus continenti i ita busca uni Brasil k terras di África kuta papia portuguis ku Timor Leste ku sta na Ásia. Pa fassi és tarbadju no cudji djubi documentus i busca cunsi tarbadjus di utrus djintis ku papia di problema.

**Palabras-tchabi:** Unilab; Palop; Decolonial; Afrocentrada.

### **University of International Integration of Afro-Brazil Lusophony - UNILAB: a decolonial and afrocentrated university**

**Abstract:** This article aims to analyze the decolonial and Afro-centered debates promoted by the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB) built in 2010, epistemologically directed for the production and dissemination of knowledge with involving Africa, other places and historically subjugated people, their anti-racist and anti-colonial diasporas at the epicenter of the academic debate. UNILAB, in addition to presenting a differentiated and daring proposal with a view to overcoming the coloniality of knowledge, power and being, also stands out in some fundamental elements that are the bases of its construction, among which: the democratization of access to popular knowledge, internationalization and intercontinental integration considering common historical inheritances between Brazil and the African countries those have Portuguese as a official language PALOPs and Timor East in Asia. The accomplishment of this work was chosen documental analysis and bibliography research as the main method for data production.

**Keywords:** Unilab; Palop; Decolonial; Afrocentric.

### **Introdução**

Por meio da revisão da literatura e de análise documental, este trabalho se propôs abordar o contexto do surgimento da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB; o trabalho se prende justamente na análise de sua perspectiva epistemológica e educacional, as quais estão atreladas essencialmente à promoção de diversidade de saberes e descolonização dos currículos, características que lhe são específicas e que a diferenciam das outras universidades públicas tradicionais brasileiras. Ou seja, esta instituição do Ensino Superior Pública Federal, sendo um espaço de investigação científica, adota uma perspectiva “decolonial” de produção de saberes, contribuindo assim na formação de cidadãos conscientes e críticos das suas histórias e realidades sociais, tendo como a base à relação sul-sul entre o Brasil e os

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

Países Africanos Da Língua Oficial Portuguesa (PALOP's<sup>2</sup>) nomeadamente: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique; e também o Timor Leste, na Ásia.

Existem laços indenitários e culturais que ligam a população oriunda dos PALOP's e a população negra brasileira, por meio dos quais compartilham uma ancestralidade comum e originária da África; laços esses que nos fazem perceber que a escravidão deixou as suas marcas em nossa sociedade. Os efeitos do processo de escravidão, um fenômeno que atentou não apenas contra a dignidade humana (com as pilhagens das riquezas locais, tráfico humano e exploração de mão-de-obra de pessoas escravizadas). Mas também e fundamentalmente ao processo educacional e formação de identidade – sobretudo linguístico-cultural (vide as situações nas quais ocorrem as supressões de línguas locais e promoção da língua do colonizador) - questões que vem sendo tensionadas inclusive por alguns grupos de intelectuais conhecidos como: intelectuais afrocentrados e decoloniais<sup>3</sup>; muitos dos quais fortemente lidos e trabalhados pela universidade (Unilab) – buscando fortalecer esse debate, por meio de inclusão de currículos diversos e inovadores.

Assim, a preocupação também e, talvez, com mais sonância, se assenta no combate à discriminação não apenas racial, mas também cultural, étnica e de origem; à intolerância religiosa etc. Visando, com isso, a valorização do conhecimento do “Outro”, a conscientização e emancipação dos sujeitos historicamente subalternizados no ponto de vista da geopolítica do conhecimento; entendida, nesse sentido, como a estratégia modular da modernidade ocidental.

O presente trabalho está dividido, além dessa introdução, em duas seções e as considerações finais. Na primeira seção, apresentou-se o contexto do surgimento da universidade, na qual privilegiou-se analisar as diretrizes e outros documentos oficiais produzidos pela mesma instituição. A segunda seção discute a descolonização de saberes, demonstrando como a violência simbólica e epistêmica contra a África e o povo não branco tem sido construída pelos intelectuais ocidentais através da ciência moderna,

---

<sup>2</sup> Recentemente Guiné Equatorial oficializou o idioma, ainda não possui estudantes nesta instituição.

<sup>3</sup> Fazem parte desta corrente os pesquisadores de várias áreas de conhecimento tais como: o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo e teórico cultural argentino-norteamericano Walter Dignolo, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, a linguista norte-americana radicada no Equador Catherine Walsh, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, dentre outros.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

fato que influenciou e muito, como sabemos, no que hoje se concebe como “racismo epistêmico”. As inovações curriculares da universidade em tela, no entanto, rompem com este propósito “eurocentrado” de produção de conhecimento, por, sobretudo, colocar a África e as epistemologias do Sul no epicentro do debate; uma iniciativa que tem sido criticada por parte de algumas personalidades da classe intelectual conservadora brasileira inclusive, como poderemos ver mais frente. Por último, concluiu-se com uma breve análise de questões anteriormente discutidas, consubstanciando assim no esboço do que inicialmente foi proposto.

### **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB: breve contextualização sobre seu surgimento e seu propósito**

A universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como instituição da educação superior no contexto brasileiro, surgiu com base nas orientações e atendimento das diretrizes do Ensino Superior estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC). Este último configura-se como órgão estatal responsável em criar, monitorizar e discutir políticas relacionados ao ensino no Brasil (nos níveis fundamental, médio e superior). Não obstante, o contexto do surgimento da universidade em debate tem a ramificação internacional por meio da Cooperação Sul-Sul (CSS) com os países africanos falantes da língua portuguesa, como referida na introdução.

A referida modalidade de cooperação, em conformidade com Cambanco (2019), surge nos inícios da segunda metade do século XX, mais precisamente em 1955, com a realização da Conferência de Bandung-Indonésia, na qual fortemente participaram os países tidos como periféricos, semiperiféricos e irrelevantes no sistema internacional (irrelevantes no ponto de vista econômico, político, militar e geoestratégico), os quais decidiram questionar a velha e tradicional modalidade de cooperação, a conhecida como Cooperação Norte-Sul (CNS), que, nos moldes desse pesquisador, opera na modalidade vertical. Ou seja, conceitualmente, já de acordo com Silva (2011, p.52):

[...] a CSS representa um conjunto de atividades de intercâmbio realizadas no âmbito técnico, político e econômico entre os países em desenvolvimento que vem se consolidando há várias décadas em complemento ao modelo tradicional, Norte-Sul, de cooperação internacional. Desta forma, pode-se entender também que se trata —de um processo de interação econômica, comercial, social ou de outra natureza que se estabelece com vantagem mútua entre países parceiros localizados no hemisfério Sul.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

Uma cooperação idealizada e orientada pelos princípios de solidariedade, amizade, não indiferença, não ingerência nos assuntos internos, não condicionalidade e mútuos benefícios. Dita de outra maneira, a modalidade de cooperação em tela representa uma congregação política e geoestratégica de elevado significado para os países do “Sul-Geopolítico” (os quais são majoritariamente os países africanos, latino-americanos e asiáticos); um mecanismo, por assim dizer, que passou a permitir estes últimos a melhor identificar e compreender os seus problemas e a encontrar formulas e ou soluções mais viáveis e adaptáveis às suas reais necessidades. Ainda na ótica desse mesmo autor, a referida modalidade de cooperação se assenta em seguintes pressupostos:

i) similaridades no grau de desenvolvimento; ii) os mesmos obstáculos para atingir níveis satisfatórios de bem-estar social; iii) atividade potencializadora de melhores práticas e orientações sobre o uso eficiente dos recursos; e iv) transferência sistemática e sustentada de experiências, conhecimentos e técnicas que podem ser reproduzidas. (SILVA, 2011, p. 53)

Além dessas e outras características, prossegue o mesmo autor, concebidas pelo mesmo como residuais, a modalidade de cooperação em debate oferece mais vantagens que a tradicional, isto pois:

a) compreende a reciprocidade de benefícios; b) promove iniciativas de maior impacto sobre as carências e os problemas vivenciados nos países receptores; c) implica maior rapidez em sua execução; d) encontra-se não vinculada às condições ou obrigações de compras associadas; e) é destinada tendencialmente aos países abandonados pelos doadores tradicionais e; f) tenciona preservar a diversidade e identidade cultural nos países receptores. (SILVA, 2011, p.54).

No entanto, a criação e materialização do projeto desta universidade em 20 de julho de 2010, por meio de sanção presidencial da Lei nº 12.289 (que se ocorreu por intermédio do Ministério da Educação (MEC) – por meio de criação de uma comissão da implementação em outubro de 2008) foi ao abrigo da modalidade de cooperação em questão. (UNILAB, 2010, p.5). Neste sentido, de acordo com Da Silva (2016), o governo brasileiro justifica que o projeto procura resgatar uma dívida histórica do Brasil com nações africanas e contribuir com o desenvolvimento socioeconômica destes, qualificando os seus recursos humanos. Ainda nesta linha da descrição (relativo ao do contexto de surgimento da UNILAB), Gomes e Vieira (2013, p.85) acrescentam o seguinte:

O movimento de criação da Unilab se insere no quarto ciclo expansionista, coincidindo com um cenário propício ao aumento de instituições e vagas no Ensino Superior Federal. Tal situação corresponde ao período ocorrido depois da estabilização econômica do país, quando iniciativas diversas de inclusão social e políticas afirmativas foram estimuladas, propiciando uma melhoria na distribuição de renda, o que tem sido associado à emergência de uma nova classe média.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

Neste contexto [...], a ampliação do acesso à educação superior é parte deste movimento, onde a aspiração pela Universidade passa a integrar o imaginário das famílias antes pertencentes aos setores mais pobres da população.

Nesta perspectiva, entende-se que a mesma surgiu no quadro da expansão do Ensino Superior com vista a responder as políticas afirmativas no campo educacional, tomando os estados da região Nordeste do Brasil (Ceará e Bahia) como território da execução desse ambicioso e inovador projeto universitário, onde estão sediados os seus respectivos campuses. Conforme Morosini e Corte (2018, p.98),

A educação superior constitui um caminho profícuo à formação de cidadãos qualificados, visando potencializar o desenvolvimento social e econômico dos países e dar acesso do cidadão à construção de conhecimentos gerais e específicos, bem como a qualidade de vida. A universidade em questão contempla nesta linha de pensamento sobre qual forma grandes quadros com capacidade crítica sobre suas realidades sócio-culturais, políticas e de contribuir no progresso dos seus países.

A política da Internacionalização da Educação Superior, que resultou na criação da UNILAB, está atrelada ao atendimento da política do governo brasileiro – a qual visa o incentivo e a criação de instituições federais de ensino superior dotadas de capacidades de produção e disseminação não apenas de conhecimento técnico-científico, mas também cultural, social e ambiental – princípios que constituem alicerce da integração internacional na esfera educacional superior. (UNILAB, 2010, p.5-6).

A UNILAB, além de constituir uma importante realização da política educacional exterior brasileira, também carrega consigo a sua particular ideologia e/ou modus operandi, que se assenta, justamente, na construção de uma ponte histórica e cultural entre Brasil e países da língua oficial portuguesa, sobretudo, os do continente africano, visando compartilhar soluções inovadoras para processos históricos similares existentes entre Brasil e o continente.

Segundo Morosini e Corte (2018), a política da internacionalização da educação superior desdobra-se por diversas razões, quais sejam: razões políticas do bem comum e da paz; razões econômicas que se fundamentam em desenvolvimento e crescimento econômico; razões socioculturais ligadas a inter-relação, valorização e difusão de valores sociais, culturais e nacionais; razões acadêmicas que se centraliza na formação de grandes quadros para o mercado de trabalho entre outras.

Nesta senda, a internacionalização da UNILAB não possui exclusivamente a dimensão de produção e disseminação do conhecimento ou de apenas formação de

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

cidadãos para o mercado do trabalho tanto no Brasil quanto nos países inseridos no projeto. Possui também uma dimensão centrada na valorização da cultura e contexto locais; no desenvolvimento econômico e social de todos os países e povos integrantes do projeto. Ou seja, como podemos constatar na citação a seguir, a UNILAB destina-se a:

Produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa - especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente - por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científicos e culturais e comprometidos com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente. (DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB, 2013, p. 12).

Neste íterim, importa enfatizar, a UNILAB como uma universidade diferenciada (decolonial e afrocentrada), apresenta uma proposta que é na verdade o fio-condutor do seu projeto de ensino e que a difere das demais instituições federais tradicionais do Brasil. Ou seja, ela é dona de uma proposta que visa produzir e disseminar o conhecimento (com inclusão de todas as formas de saber) com vista a contribuir para o progresso social, cultural, econômico e em diferentes âmbitos no Brasil e nos países falantes da língua portuguesa. Um processo ousado e calcado na formação de cidadãos com conhecimento técnico, científico e cultural e engajados na superação das desigualdades sociais e também na preservação do meio ambiente como ficou demonstrado na citação acima.

Para superar as desigualdades sociais, as opressões, a injustiça social, e, sobretudo, para se demarcar de desígnios de outras instituições de ensino superior tradicionais brasileiras, a universidade em foco realiza as suas atividades pedagógicas baseadas no pensamento afrocentrado e decolonial. Segundo Mota Neto (2015, p. 148):

[...] pensamento decolonial está relacionado ao *locus enuntiationis* ocupado pelo sujeito que produz a teoria, que elabora o discurso, que reivindica posições críticas da colonialidade e do colonialismo. Este lugar está marcado pela exterioridade de sujeitos, grupos e populações periféricos, não porque estes estejam fora da modernidade/colonialidade, mais precisamente porque foram subalternizados por ela, ocultados, negados, oprimidos, condenados. Estando em uma posição exterior, tais sujeitos/grupos/populações podem revelar a colonialidade escondida pela retórica salvacionista da modernidade e mobilizar a articulação de forças/ideias decoloniais.

Nessa assertiva, compreende-se que o pensamento decolonial desenvolve sujeitos críticos para enfrentar e desconstruir o princípio “universalista-eurocentrado” de concepção do mundo ou qualquer que seja ideologia opressora, divisionista e que pretenda sobrepor às realidades que não sejam eurocêntricas. Ademais, a UNILAB, por meio da sua proposta decolonial e afrocentrada, busca suscitar, nos seus estudantes, a capacidade

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

crítica das suas realidades sociais em diferentes esferas, a de valorização das suas culturas e, sobretudo, a de construir as suas próprias histórias, nas quais passam a figurar como sujeito, não objeto da mesma.

Para a materialização e execução de um projeto tão desafiador como tal, a universidade inicia por ofertar os cursos conforme interesse dos países parceiros. Entre os cursos ofertados inicialmente, destacam-se: Agronomia, Enfermagem, Ciências da Natureza, Matemática, administração Pública e Engenharia de Energia. E, em seguida, implementa cursos de Letras de (Língua portuguesa) e Humanidades. Posteriormente, a instituição adiciona os cursos de Física, Ciências Sociais, Sociologia, História, Relações Internacionais e Pedagogia (UNILAB, 2010, p.15-16).

O ingresso dos docentes nesta distinta universidade, assim como as demais instituições de Ensino Superior Brasileiro, ocorre por meio de Concurso Público, dando privilégio aos candidatos com título de doutorado e respeitando todos os tramites e regramentos de avaliação e admissão que regimentam o concurso público no Brasil. Profissionais visitantes, por seu turno, deverão contribuir com aportes de novas experiências, em todas as atividades acadêmicas, observando o disposto no edital que regulamenta o processo pelo qual ingressou na mesma.

A universidade também conta com a adesão dos professores provenientes dos países parceiros e partes do projeto (mediante o edital pelo qual também ingressam os demais docentes, incluindo os brasileiros referidos acima), respeitando e, sobretudo, fazendo valer um dos seus princípios fundadores: a integração. O ingresso de estudantes nos diferentes cursos ofertados pela instituição ocorre, por seu turno, por meio de processo seletivo (regido por um edital) que recruta os com melhores desempenhos nos testes; esse processo ocorre dessa forma tanto para os brasileiros (a nível interno) quanto para estudantes de países parceiros (já a nível externo).

Em relação ao processo seletivo para os estudantes brasileiros, a seleção destes assenta-se essencialmente em análise dos resultados das provas aplicadas no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). O acesso por cotas étnico-raciais (para pessoas pretas, pardas e de baixa renda) ocorre de acordo com a legislação vigente no período de publicação do edital do processo seletivo. Recentemente, começou a se destinar as vagas distribuídas entre Ceará e Bahia para ingresso de estudantes quilombolas e indígenas nos cursos de graduação presencial por meio de processo seletivo específico.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

Já o processo relativo a seleção dos estudantes oriundos dos países parceiros, vale assegurar que este ocorre, igualmente, por um processo de seleção (realização de exame escrita) que acontece nos países envolvidos no projeto denominado de Processo de Seleção de Estudantes Estrangeiros (PSEE). O referido processo estabelece as normas e regras a serem observadas pelos interessados (candidatos); também estabelece os critérios, as etapas e o cronograma de seleção dos estudantes a ingressarem na instituição em cada período letivo e demais procedimentos para o ingresso na instituição.

### **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB e a descolonização de saberes: África no centro do debate**

A África ao longo de cinco séculos da colonização sofreu com desastrosos danos físicos, psicológicos, econômicos, culturais, intelectuais, sociais, políticos etc. Danos esses provocados pelo processo de escravização levado a cabo pelos europeus. No entanto, esses danos não são relativos apenas as questões acima enfatizadas, mas também se estendem as questões epistemológicas e de produção do saber. Trata-se da negação sistemática e proposital da possibilidade da existência de saberes e de outras formas de produção do conhecimento, levadas a cabo pelos diversos povos africanos ao longo de toda a sua história; negação de outras tradições, costumes, modos de vida e concepções de mundo.

Conforme filósofo burkinabe, Somet (2016), desde o século das Luzes, um preconceito tão arraigado quanto aberrante concebeu a África como um continente “sem passado, sem história, sem cultura e sem civilização”; sendo assim, na concepção eurocêntrica, uma sociedade das “trevas” e da “barbárie”. Esse preconceito é tão abrangente de tal maneira que os africanos foram tidos como forças braçais ao longo do período escravocrata e os europeus forças intelectuais.

Entendia-se bem que a interpretação equivocada e proposital sobre a percepção da África e o seu povo tinha sua base científica e se fundamentava/fundamenta no interior da filosofia, especificamente no século XVIII, o conhecido como século das luzes ou do Iluminismo. Os percussores desta nova era da ciência acreditavam no valor da “Razão” como motor do progresso, capaz de resolver definitivamente os problemas da vida, da

ciência e do homem; ou seja, o raciocínio humano seria o meio para atingir o progresso em praticamente todos os campos (científico, social, político, moral).

A ciência teve um papel crucial no movimento filosófico do “século das luzes” (racionalidade, razão, cientificismo). A experiência científica e os escritos filosóficos de defensores desta concepção de mundo e corrente de pensamento entraram em moda, podemos dizer assim. Focamos o trabalho de dois expoentes máximos do movimento iluminista, Emanuel Kant<sup>4</sup> Friedrich Hegel, sobretudo em suas percepções sobre a África, que constituem, sem dúvidas, principais teóricos e elaboradores da imagem negativa do continente e do seu povo.

Assim, conforme Somet (2016), num tratado de 1764 intitulado: “Observações sobre o sentimento do belo e do sublime”, o filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804) afirmou que “a pele escura olhos negros têm mais afinidade com o sublime, olhos azuis e pele clara mais afinidade com o belo”. Ou seja, em suas próprias palavras,

Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do pueril. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, ele constata que mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre as duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto a cor. A religião, largamente difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria que se enraíza tanto na puerilidade quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, um chifre de uma vaca, um búzio ou qualquer outra coisa ordinária, desde o instante em que esta coisa seja consagrada por certas palavras, é um objeto de veneração e invocada em juramentos. Os negros são vaidosos, mas à maneira negra, e tão tagarelas que é preciso dispersá-los a golpes de porrete. Somet (2016, p. 82-83)

Além dessa “covarde e descontextualizada” afirmação de quem nunca pisou em África, vale enfatizar, ainda fomos presenteados com outras concepções igualmente desrespeitosas e fora de realidade sobre o continente, agora já nos escritos do filósofo alemão Friedrich Hegel<sup>5</sup>, um dos quais a “Filosofia da História” (1774-1831). Para o filósofo alemão, a África é constituída de três partes distintas: “a África propriamente dita”,

---

<sup>4</sup> Trabalho de Hegel e Kant não foram os pioneiros. Léon Poliakov e Louis Sala-Molins e outros pesquisadores haviam desenvolvidos os trabalhos científicos baseando nas teorias racistas fundadas na *expertise* científica que ridicularizavam a África e o africano. Ver Somet (2016, p.81)

<sup>5</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel Filósofo alemão, nascido em Estugarda em 1770 e faleceu em 1831. A sua filosofia centra-se numa dialética da história, englobando a religião e a evolução política, social, económica e artística - lugar de encarnação e da racionalidade do Espírito.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

que, segundo ele, situa ao Sul do Saara, “a África europeia” localizada ao Norte do deserto e, por último, o baixo do Nilo, descrito como “o único vale da África que se religa à Ásia”. Segundo Somet, eis a consideração de Hegel sobre “a África propriamente dita”:

A África propriamente dita, tão longe quanto a história registra, conservou-se fechada, sem laços com o resto do mundo; é a terra do ouro, debruçado sobre si mesma, terra da infância que além do surgimento da história consciente, está envolvida na cor negra da noite (...) O que caracteriza os negros, é precisamente o fato de que sua consciência não tenha ainda chegado à intuição de nenhuma objetividade firme, como por exemplo Deus, a lei onde o homem se sustentasse na sua vontade, possibilitando assim a intuição do seu ser... Como já dito, o negro apresenta o homem natural, em toda sua selvageria e sua petulância; é preciso fazer abstração de qualquer respeito e qualquer moralidade, do que se chama sentimento, se se deseja de fato conhecê-lo; não se pode encontrar nada nesse caráter que possa lembrar o homem (SOMET, 2016, p.83).

Essa assertiva é interessante e curiosa, pois o Hegel, assim como Kant, nunca esteve na África e muito menos estudou com africanos. A sua interpretação racista, preconceituosa e homofônico sobre o continente e o povo não branco reforça a ideia da supremacia dos povos europeus em relação aos demais povos que, infelizmente, até hoje paira na cabeça de muitos brancos e ocidentais. Uma paranoia construída e propagada por movimentos filosóficos liderados protagonizados pelos referidos filósofos no emergir do século XVIII com esse fenômeno, o Iluminismo.

Nenhum outro movimento filosófico exerceu uma influência tão forte e tão duradoura, mais do que iluminismo e seus defensores no que concerne a tentativa de aniquilação da história da África e no silenciamento de sujeitos que produzem “outros” conhecimentos que não dialoguem e/ou se submetam ao pensamento civilizacional e intelectual ocidental. Os escritos filosóficos e científicos como a tese de Hegel, que defendia a existência de uma razão universal que molda a história foi e é a prova disso. O destino desta filosofia presta testemunho à sua forma dialética. Sendo o filósofo mais racional e mais religioso, Hegel, assim como outros pensadores eurocentristas, desencadearam os movimentos de categorias dicotômicas, por meio dos quais afirmavam que a população no mundo se diferenciava entre seres superiores e inferiores, primitivos e civilizados, racionais e irracionais, tradicionais e modernos.

Criou-se, entretanto, a partir dessa narrativa, uma ideia mítica da concepção da humanidade tomando ocidente e o “homem branco” como “referência”. Essa forma de interpretação do mundo e dos fenômenos humanos de forma estreitamente racional, fundamentada na teoria como evolucionismo, que caracterizava os africanos e povos não

europeus como seres “primitivos” que viviam em tribos “sem história e sem conhecimentos” e, desprovidos de organização social, política e econômica sofisticada, razão pela qual, encontravam-se num estágio civilizacional inferior se comparado aos europeus para nós, nada mais é do que uma farsa, “jogo sujo” e oportunismo dos europeus para com o resto do mundo.

É notável, no entanto, a violência simbólica que a África e os negros foram submetidos por serem considerados a-históricos e “indignos”, uma percepção que, infelizmente, como já apontado, continua sendo fortemente reproduzida e disseminada nas universidades e nos centros de formação sob a lógica do eurocentrismo, reforçando assim a ideia de que o pensamento científico ocidental é superior a todos os demais.

Para sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), a elaboração do eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e seus dois mitos fundacionais funcionam em duas ordens: o primeiro argumento, segundo esse autor, se baseia na ideia da margem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa. O segundo, por sua vez, confere às diferenças entre Europa e “não Europa” como diferença de natureza (racial) e não de história de poder. Conforme o mesmo autor, esses mitos podem ser reconhecidos nos fundamentos de teorias como evolucionismo e dualismo, dois elementos centrais e nucleares do eurocentrismo.

É notório que, para justificar a supremacia dos colonizadores sobre os povos colonizados, foi utilizada a ciência moderna como instrumento imprescindível e asseguradora do processo educativo institucionalizado do sujeito a partir dos símbolos e de civilidades do colonizador, considerado ideal ao desenvolvimento e o progresso da humanidade. Nesta senda, as instituições universitárias se tornam lugares privilegiados de produção e exercício do poder colonial. Conforme Nascimento apud Brito (2019), no caso específico da América Latina, as universidades foram desenhadas a partir de traços coloniais que remetem ao elitismo e ao genocídio não apenas físico, mas também epistêmico e cultural de povos não-brancos.

Em outras palavras, as universidades brasileiras, neste caso em particular, em sua maioria, embora haja exceções, surgiram do mesmo receituário vinculado aos padrões científicos eurocêtricos. Na contemporaneidade, o desafio é romper com as barreiras das universidades tradicionais projetadas para assegurar a civilidade de um

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

determinado grupo social que busca universalizar e padronizar o modo da vida olhando a Europa como modelo padrão. No entanto, o rompimento com esse receituário universalista requer uma nova abordagem; uma abordagem que questione o processo de descolonização inacabada. Conforme Brito (2010, p.60),

[...] o processo de descolonização requer a convivência entre saberes para o aprofundamento de condições igualitárias de vida. No âmbito da educação superior, isso significa questionar as categorias universalistas da ciência moderna e optar por um “novo” arsenal teórico-crítico para pensar a realidade dos sujeitos subalternizados, intercambiando conhecimentos diversos. No caso do Brasil, isso implica o reconhecimento, por parte das instituições científicas, da negação histórica da contribuição do povo negro e indígena para a formação do pensamento intelectual brasileiro e da tomada de decisão de levar em consideração os contextos sócio-históricos-econômicos-culturais dos seus estudantes.

Esse processo de busca do novo arsenal de produção de conhecimento tolerante a diversidade, tem se fortalecido com engajamento político do Movimento Negro brasileiro e de outros segmentos da população que começaram a questionar e/ou tencionar as políticas educacionais brasileiras e os funcionamentos das instituições do Ensino Superior, sendo um espaço de manutenção de privilégios das elites brancas brasileiras. No entanto, Segundo Munanga (2018), essa reivindicação recebe um apoio forte na voz de alguns estudiosos que pensam que não se pode entender o Brasil a partir de uma leitura discriminatória, isto é, aquela que privilegia apenas as contribuições ocidentais em detrimento das contribuições africanas e indígenas e de outros povos e grupos historicamente subalternizados. Todas essas vozes reforçam a necessidade de uma nova abordagem epistemológica sobre África e que objetive romper com as ideias preconcebidas e recebidas da herança intelectual colonialista.

É a partir dessas reivindicações da intelectualidade negra brasileira e de movimentos sociais que então surge a necessidade da criação da universidade em debate; uma instituição universitária orientada, como já asseguramos, na inserção da população negra de origem africana no Brasil- pretos e pardos e excluídos no ensino superior, permeado pela liberdade de pensamento, emancipação e autodeterminação. Tudo por meio de uma estrutura inovadora e das suas diretrizes curriculares ousadas. Unilab<sup>6</sup>, criada pela Lei Federal nº 12.289/2010, então dá início as suas atividades letivas

---

<sup>6</sup> A Unilab faz parte de um projeto de expansão, interiorização, internacionalização e reestruturação das universidades federais brasileiras, iniciado em 2003, com os governos de Luís Inácio Lula da Silva (PT 2003-2011) e aprofundados pelos governos de Dilma Rousseff (PT 2011-2016).

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

em de maio de 2011, no âmbito de aproximação e integração com países africanos da língua oficial portuguesa PALOP e Timor Leste na Ásia.

De modo geral, o intenso intercâmbio científico e cultural, entre os estudantes internacionais e nacionais, que dão a vida esta instituição, tem favorecido o debate de um projeto da universidade não conformada com a colonialidade do saber persistente nas instituições do ensino superior tradicionais brasileiras. No entanto, as inovações curriculares que colocaram/colocam a África no centro de debate têm sido um avanço importante, uma vez que têm incentivado os estudantes africanos e os negros brasileiros (afrodescendentes) a aprofundarem o conhecimento da história dos seus lugares de origens e também dos legados que seus ancestrais deixaram neste país.

Esta universidade busca tornar-se, portanto, um novo centro de referência e integração para os países membros que o compõem, por meio da ciência e da cultura, constituindo-se espaço de cooperação, acúmulo e transferência recíproca de ciência e tecnologia, de intercâmbio de culturas e de promoção do desenvolvimento sustentável, tal como apregoa a Cooperação Sul-Sul, outrora enfatizada.

A Unilab, por estar privilegiando epistemologias africanas e indígenas, seus cursos de graduações e licenciaturas, e também de mestrado, estão assumindo uma ousada proposta da reparação histórica e simbólica do ponto de vista epistemológico para com africanos e descendentes de africanos no Brasil. Uma questão que gira em torno da colonialidade do saber, da descolonização e da justiça cognitiva, podemos dizer assim, do povo africano e também de seus descendentes, cujos ancestrais foram forçosamente trazidos para o Brasil e, submetidos ao trabalho escravo que durou quase cinco séculos, construindo este país. Portanto é nessa perspectiva que se afirma que a proposta desta universidade perpassa pela perspectiva epistemológica da afrocentricidade. Asante, um dos principais articuladores do conceito de afrocentricidade conceptualiza este paradigma de seguinte maneira:

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. (ASANTE, 2009, p. 93).

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

Segundo Asante, Afrocentricidade é uma questão de localização precisamente porque os africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica. Muito do que estudamos sobre a história, a cultura, a literatura, a linguística, a política ou ainda as economias africanas foram/são perspectivadas a partir dos interesses europeus e ocidentais. Partindo desse pressuposto, esse intelectual afro-americano, ressalta a importância na centralidade da experiência africana em qualquer interpretação que se faz sobre o continente.

No entanto, toda proposta alternativa da universidade que vai na contramão de um receituário eurocêntrico de *locus* de produção científica, geralmente é criticada. Neste sentido, vale frisar, a UNILAB tem sido objeto de crítica por ter colocado epistemologias africanas no centro do debate, uma iniciativa capaz de ajudar os estudantes a refletirem criticamente sobre o conhecimento que produz, se transformando se assim, em cidadãos críticos de realidade em sua volta.

Ademais, é uma universidade tolerante a diversidade de modo de produção e transmissão de conhecimento, pois reloca e reorienta o subalternizado ou o marginalizado a assumir a direção da sua perspectiva sociocognitiva, num viés contra hegemônico; rompe com a produção de uma geopolítica do conhecimento baseada na racionalidade científica que toma a Europa, os EUA e o ocidente em geral como detentores da ciência, ou seja, o berço da supremacia da inteligência; desnaturaliza os cânones modernos de produção do conhecimento vinculado aos padrões científicos eurocêntricos através de processo de descolonização que busca estabelecer um diálogo contundente com o pensamento indígena, afrodescendente e africana.

Alguns intelectuais formados dentro de uma perspectiva eurocêntrica reforçam afirmação da ciência como saber hegemônico produzido pelo branco colonizador, acabando, neste caso, por negar a possibilidade de existência de outras formas de produção de conhecimento, principalmente quando se trata de uma pedagogia decolonial e afrocentrada. O exemplo disso é a fala do ex-comentarista de um programa da rádio Jovem Pan, Marco Antônio Villa<sup>7</sup>, que, em 2016, criticou veementemente as universidades públicas criadas nos governos Lula e Dilma, entre quais a universidade em análise e a

---

<sup>7</sup> Veja os vídeos nestes links: <<https://www.youtube.com/watch?v=sOxjFxfj0DgY>> (Marco Antonio Villa critica a Universidade Federal da Integração Latino-Americana UNILA). Acessado em: 30/04/2020 <<https://www.youtube.com/watch?v=M2UaAEWKE-s>> (Dinheiro público para sustentar curso de "pretagogia" não dá. Marco Antonio Villa Jovem Pan). Acessado em: 30/04/2020.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA<sup>8</sup>) criada nos mesmos moldes.

Em relação ao curso de Licenciatura em Pedagogia da UNILAB, Villa questionou as seguintes disciplinas: Fundamentos Filosóficos e Práticas de Samba, Fundamentos Filosóficos e Práticas da Capoeira e Pretagogia. Já em relação ao Bacharelado e a Antropologia, as disciplinas Teorias da Diáspora 2 e 3 foram alvos de questionamentos.

À UNILA, a crítica foi direcionada ao curso da Filosofia, sobre a qual questionou-se a disciplina denominada: Descolonização epistêmica. O curso da História da mesma universidade também não escapou das críticas, sendo alvo a disciplina: História da Construção do Ocidente. Ainda no currículo do mesmo curso, o ex-comentarista mencionou a disciplina: América, invasão e Colonização: colonialidade e resistência. Ao curso de Letras, artes e mediação cultural, a disciplina Literatura da Comarca Platina e Genealogias das Mentalidades não escaparam da crítica. O ex-comentarista pediu para que os reitores ou professores destas universidades explicassem um pouco sobre essas disciplinas, as ementas dos cursos e as referências bibliográficas que são usadas para ministrar as aulas.

Ao longo da sua crítica, citou também o curso de Direito na Universidade Federal do Paraná, que, segundo o mesmo comentarista, foi feito só para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), assim como a “pedagogia da terra” também foi destinado para o mesmo movimento. Em seus dizeres, o “projeto criminoso de poder petista deixou uma herança maldita em todas as áreas da estrutura do Estado”. Agora na educação a situação é pior, porque foram criadas dezenas de universidades absolutamente “inúteis”. Para o ex-comentarista, estas universidades fabricam a ideologia e panfleto sustentado pelos impostos dos brasileiros.

Bem, o que está subjacente na crítica de Villa, em nossa visão, é que o colonialismo e o eurocentrismo deixaram um legado forte na estrutura das universidades e de seus *modos faciendi* e moldou uma gama de intelectualidade legitimadora do poder

---

<sup>8</sup> UNILA criada em através da Lei 12.189/2010, com sede e foro na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná. A UNILAB tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul – MERCOSUL. Informação disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/821107/lei-de-criacao-da-unila-lei-12189-10>>. Acessado em: 30/04/2020.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

do colonizador, que as suas mentalidades foram programadas, por assim dizer, para cumprir essa função. Esses “intelectuais” consideram apenas padrões científicos eurocêntricos como formas singulares de produção de conhecimento. Além disso, negam a possibilidade de redefinição de rumos das universidades, que foram pensadas a partir de perspectivas curriculares inovadoras e descolonizadoras.

Essa atitude que defende apenas saberes e conhecimentos científicos eurocentrados, buscando validar somente aqueles que se alinham a certas concepções hegemônicas, tornando-os cânones creditáveis, é descrita por Santos (1999), como racismo epistêmico que, por sua vez, produziu/produz o *epistemicídio*<sup>9</sup>, através do qual os colonizadores subestimaram ou quase baniram a produção intelectual e coletiva dos povos colonizados, relegando-os a um lugar de primitivismo e/ou exotismo, fazendo-os experimentar uma sensação de (in) utilidade. Por isso, qualquer tentativa de exercício de sua humanidade/criatividade será considerada irracional, não permitindo assim a construção de formas alternativas de saber.

### Considerações finais

A África sofreu os danos físicos e psicológicos com o processo da escravidão e da colonização. Os danos são irreparáveis e geraram um impacto muito forte no espaço de afirmação do conhecimento e nas relações sociais entre Sul Global e Norte Global. A continuidade da violência sofrida pelos africanos, latino-americanos e outros povos historicamente relegados, como já mencionamos, estende as questões epistemológicas não apenas físicas, fundamentado no Iluminismo, a partir das teses dos seus principais defensores como Hegel e Kant que apostavam na "razão" como uma ferramenta indispensável e que devia ser usada para interpretar fenômenos sociais e humanos como pudemos constatar, algo que tem contribuído e igualmente influenciado a subalternização e subjugação do conhecimento produzido pelos povos não europeus ao longo da história bem como na contemporaneidade.

Teorização da ciência moderna ocidental, por um lado, configurou-se na construção social de uma ideia mítica sobre a humanidade na qual o ocidente e o "homem branco" são vistos como referência do mundo, e, por outro lado, tal ideia coloca os

---

<sup>9</sup> Este conceito foi cunhado pelo autor para caracterizar formas de exclusão realizadas por processos epistemológicos colonizadores, que se aprimoraram na eliminação sistemática de saberes não alinhados a certas concepções hegemônicas. Episteme: conhecimento; cídio: morte.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

africanos e outros povos nas zonas marginais, considerando-os como primitivos, imorais e insignificantes. Dita de outra forma, a teoria evolucionista contribuiu enormemente para manutenção e para a propagação da diferença social e na injustiça contra negros e africanos e outros povos não europeus.

A ciência moderna e a universidade constituem, como já asseguramos, tem servido de ferramenta e espaço de construção e propagação da violência epistêmica e do “epistemicídio” contra Sul Global e sua população. Ou seja, a ciência, que ganhou azo com o advento do iluminismo, configura-se como um instrumento de formalização e legitimação do pensamento hegemônico que toma o *modus faciendi* e conhecimento ocidental como modelo, marginalizando assim, de forma automática, saberes africanos, latino-americanos e de povos não europeus/ocidentais de maneira geral.

A UNILA e a UNILAB, esta última que é objeto de estudo do presente trabalho, surgem na contramão da proposta das universidades tradicionais brasileiras legitimadoras e, grosso modo, disseminadoras da corrente do pensamento eurocêntrico, visto que atendem as demandas dos povos oprimidos na base da sua política educacional, levando em conta os países africanos e latino-americanos que as compõem na base da cooperação internacional, adotando um método de ensino diferenciado e que contempla a realidade sociocultural, política, ambiental dos seus estudantes e docentes.

Como chegou a salientar o professor Paulo Freire, os métodos da opressão não podem, contrariamente, servir à libertação do oprimido. Neste itinerário, o patrono da educação brasileira acrescenta que, a educação libertadora é incompatível com uma pedagogia, que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da libertação só encontrará adequada expressão numa pedagogia sobre qual o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

A UNILAB procura valorizar, assim, diferentes saberes a fim de criar diálogos horizontais, evitando desta forma a promoção da homogeneização de qualquer que seja forma de produção de conhecimento. Neste sentido, esta universidade procura equilibrar o diálogo construtivo e inclusivo com o combate a injustiça cognitiva. Em suma, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB é, sem dúvidas uma universidade revolucionária, inovadora e que traz a esperança para juventude negra brasileira e africana (jovens oriundos de diferentes cidades brasileiras e

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

dos PALOP's respectivamente), propiciando a estes uma formação emancipatória e, sobretudo, um participação consciente e crítica na construção de suas sociedades, bem como o aprendizado de lutar por um mundo mais justo e tolerante, para essa e a próxima geração.

## Referências

- ASANTE, Molefi Kete. Afroncentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). *Afrocentricidade uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BRITO, Larisse Miranda de. Universidade no Brasil, colonialidade do saber e decolonização: Outras perspectivas para a educação nacional? *Revista humanidades e inovação* v.6, n. 2, p. 58-68, 2019.
- CAMBANCO, Deuinalom Fernando. *Cooperação Sul-Sul e suas Contradições: um estudo crítico sobre os acordos de cooperação no setor de pescas entre a República Popular da China e a República da Guiné-Bissau*. 150 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – IHAC-UFBA, Salvador, 2019.
- DA SILVA, Antonio Gislailson Delfino. *Trajetórias de Estudantes Guineenses no Brasil: do Processo de Integração ao Regresso/Retorno*. 112 f. UNILAB/Instituto de Humanidades e Letras Bacharelado em Humanidades. Redenção-Ceára. 2016.
- UNILAB. Diretrizes Gerais Da UNILAB. Julho de 2010.
- FREIRE, PAULO. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo; Paz e Terra, 2018.
- GOMES, Nilma Lino; VIEIRA, Sofia Lerche. Construindo uma ponte Brasil- África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso-Afrobrasileira (UNILAB). *Revista Lusófona de Educação*, Cidade, vol.24, p.81-95, 2013.
- MOROSINI. Marília Costa e CORTE. Marilene Gabriel Dalla. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 56, n. 47, p. 97-120, jan./mar. 2018.
- MOTA NETO, João Colares da. *Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. 2015. 368 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2015.

Leonel Vicente Mendes, Deuinalom Fernando Cambanco, Felisberto Júnior Pedro Bacurim, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada

MUNANGA, Kabengele. Relações África-Brasil: o que seria? *Revista do PPGCS-UFRB- Novos Olhares Sociais*. Vol.1-n.1. p. 6-25, 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal.(org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A construção multicultural da igualdade e da diferença*. Oficina do CES, Coimbra, 1999. Disponível em: <https://ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/135.pdf> Acesso: 15. Abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Coimbra: Novos estudos, novembro 2007.

SILVA, Julinho Braz da. *A Cooperação Sul-Sul como Instrumento para o Desenvolvimento: perspectivas para a República da Guiné-Bissau*. 2011. 159 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOMET, Yoporeka. *A África e a filosofia*. (Tradução). *Revista Sísifo*. Feira de Santana v. 1, nº 4- p.80-100, 2016.



Recebido em: 10/06/2021

Aceito em: 15/09/2021

Para citar este texto (ABNT): MENDES, Leonel Vicente; CAMBANCO, Deuinalom Fernando, BACURIM, Felisberto Júnior Pedro. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.185-204, jul./dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Mendes, Leonel Vicente; Cambanco, Deuinalom Fernando, Bacurim, Felisberto Júnior Pedro (jul./dez. 2021). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB: uma universidade decolonial e afrocentrada. Para citar este texto (ABNT): *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(2): 185-204.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>